

JÚLIO DANTAS

TRIBUNA

LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

6-22-38
11336

JÚLIO DANTAS

Da Academia das Ciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras
Da Real Academia Española

Excmo. Sr. Júlio Dantas
1961

TRIBUNA

*Discursos sobre os homens, as ideias
e os acontecimentos*



LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

Eduardo Schwalbach

*Palavras proferidas no Teatro de
D. Maria II, com a assistência do Chefe
do Estado, em 26 de Fevereiro de 1944.*

UM filósofo italiano do século XVI dizia de Aristóteles: «Se um dia os Amores descerem à terra e quiserem conhecer a perpétua juventude, perguntarão por ele». E, quando Voltaire, já octogenário, regressava coberto de glória a Paris, uma voz bradou, de entre a multidão que o aclamava à luz dos archotes: «Este velho tem vinte anos!». Qualquer das frases pode aplicar-se a Schwalbach. Decorreram os anos, caíram as folhas, debandaram as ilusões, envelheceram as ideias e os homens: e Schwalbach continua a ser o mais jovialmente moço dos nossos escritores de teatro.

Ele e a sua obra. Porque a obra de Schwalbach — maravilha de fantasia, de movimento, de irreverência, de variedade, de novidade incessante, de actualidade prodigiosa — ainda é mais jovem do que ele. Singular poder, o de certos escritores! Há quem imagine que, nos cultores da literatura e da arte, o corpo e o espírito envelhecem paralelamente. Não. Há literatos que, quando nascem, já vêm velhos, engelhados, ressequidos, rabujentos; há outros, em

que a mocidade do espírito dura pouco, como a beleza de certas mulheres — fogacho breve, efêmera primavera —, e que, ainda homens válidos e florescentes, são já escritores decrepitos; e há, finalmente, aqueles — ungidos de Deus! — que brincam com o tempo, que vêem, sem receio, correr os anos e as modas literárias, e que, quanto mais o corpo se lhes alquebra, quanto mais lhes embranquecem os cabelos, mais vivo é o interesse que suscitam e maior o seu fulgor mental. Schwalbach pertence a este número. Vem do século passado e tem o espírito de um rapaz. Pertence à estirpe de Júpiter que outrora renovou a dramaturgia portuguesa; e, entretanto, quando já as sombras do esquecimento envolvem tão ilustre geração, — o teatro de Schwalbach, teatro irrequieto, audacioso, crepitante, fremente de vida, teatro que não tem uma ruga, nem um cabelo branco, nem uma dor reumática, — esquecido de envelhecer, sorri confiadamente para a imortalidade.

Mas — perguntar-se-á — a que devem certos escritores este privilégio de sobreviver a si próprios? Ao talento, sem dúvida; aquele talento que Schwalbach dissipou pròdigamente pelo jornalismo, pelo teatro, pela burocracia, pela política, atravessando a existência a largos passos, na sua elegância pernalta, e espalhando pedras preciosas como quem atira, negligentemente, a ponta de um cigarro. Mas o talento não explica tudo. Há escritores insignes que se sacrificam demasiadamente ao gosto do seu tempo, e que, prisioneiros da época em que viveram, morrem inevitavelmente com ela; e há outros que,

partindo do restrito e do particular para o universal e para o humano, criam tipos e caracteres susceptíveis de ser compreendidos em todos os tempos e por todos os homens, independentemente do condicionamento do momento que os produziu, e se expressam em termos de clareza, de comunicabilidade e de simpatia que lhes asseguram a compreensão geral. É o caso de Schwalbach. A criação molieresca da *Bisbilhoteira*; alguns tipos da galeria dos *Postiços* e da *Cruz da Esmola*; certas figuras que passam na revoadada multicolor das suas revistas do ano—trazem, é certo, a marca de um país e de uma época, mas pertencem à humanidade. Não há teatro sem verdade humana. Não há simpatia sem optimismo. Não há eternidade sem simplicidade. O teatro de Schwalbach é humano, optimista e simples. Está nisso o segredo da sua eterna juventude.

Quem amanhã fizer a história do teatro português do século XIX, a que Schwalbach pertence, verificará que seis pontos refulgentes—seis obras-padrões—marcam a linha de evolução da nossa dramaturgia nesse grande período: *Frei Luís de Sousa*, de Garrett, um monumento, que se inspirou mais nas linhas austeras da tragédia clássica do que nos cânones do Romantismo; *Morgadinha de Valflor*, de Pinheiro Chagas, tipo genuíno do drama ultraromântico nacional; *O Duque de Viseu*, de Lopes de Mendonça, projecção admirável do teatro de Hugo em Portugal, sumptuosa tapeçaria, rica de pormenores arqueológicos e de personagens eloquentes; *Os Velhos*, de D. João da Câmara, forma suave do idílio

rústico e da écloga cristã, repassada de sentimento fraterno pelos humildes; *Peraltas e Sécias*, de Marcelino Mesquita, a melhor comédia histórica portuguesa, prodígio de construção, prova de exame na arte de pintar uma época; e, enfim, *O Intimo*, de Eduardo Schwalbach, primeira comédia de sociedade, faiscante de espírito, que o nosso teatro conheceu. Foi esta obra que ensinou às novas gerações a técnica da alta comédia, a esgrima do diálogo, a elegância da «maneira» moderna; foi com ela que nós aprendemos a preparar, a conduzir, a desenvolver naturalmente na cena uma anedota ou um motivo dramático; foi com Schwalbach (quem poderá esquecê-lo?) que as personagens, até aí envenenadas de literatura, começaram, como toda a gente, a conversar; foi com Schwalbach que o sorriso, expressão elevada e subtil do convívio mundano, entrou no teatro português. Ninguém dirá que decorreram já cinquenta e dois anos — cinquenta e dois anos! — sobre a data inesquecível em que *O Intimo* subiu à cena neste Teatro. Parece uma peça escrita ontem. O sorriso de Schwalbach é imortal.

Garrett, Pinheiro Chagas, António Enes, Lopes de Mendonça, João da Câmara, Marcelino Mesquita, Gervásio, Schwalbach... Plêiade nobilíssima, mestres de mestres, criadores de novas formas paradigmáticas, chefes de escola, orientadores, renovadores, didactas, guias, amigos! Quase tudo desapareceu. Dos homens do Século de Ouro, vive um só, o Benjamim da estirpe, patriarca venerando e risonho, irmão mais velho que é o mais novo de todos nós,

em cujas nobres mãos se ergue ainda, a iluminar-nos o caminho, o facho de luz da perfeição. Pois bem, meus Senhores. Saudemos em Schwalbach, não apenas o grande dramaturgo, mas o que felizmente nos resta da mais rica, da mais brilhante, da mais gloriosa época do teatro português!

ÍNDICE

	Pág.
Nota preliminar	9
A tomada de Lisboa (<i>Lisboa, Paços do Concelho, 1947</i>) ...	11
A estátua de D. João IV (<i>Vila Viçosa, 1943</i>) ...	24
O Santo de Granada (<i>Lisboa, Academia das Ciências, 1950</i>)	31
Guerra Junqueiro (<i>Lisboa, Paços do Concelho, 1950</i>) ...	37
Garrett, orador parlamentar (<i>Lisboa, Assembleia Nacional, 1954</i>)	53
O «Homem do ressentimento» (<i>Lisboa, Academia das Ciências, 1943</i>)	73
António de Macedo Papança (<i>Lisboa, Academia das Ciências, 1953</i>)	82
Eduardo Schwalbach (<i>Lisboa, Teatro de D. Maria II, 1944</i>)	108
A eloquência de Sousa Martins (<i>Lisboa, Sociedade das Ciências Médicas, 1943</i>)	113
A capital histórica do Brasil (<i>Rio de Janeiro, Palácio do Silogeu, 1949</i>)	135
Um banquete diplomático (<i>Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, palácio Itamarati, 1949</i>)	143
A actualidade de Rui Barbosa (<i>Lisboa, Academia das Ciências, 1949</i>)	147

TRIBUNA

	Pág.
A Cidade de São Paulo e a marcha para Oeste (<i>Lisboa, Academia das Ciências, 1954</i>)	151
A visita do Presidente Café Filho (<i>Lisboa, Assembleia Nacional, 1955</i>)	171
Vicente Ferreira, homem de Estado (<i>Lisboa, Câmara Corporativa, 1953</i>)	179
A Medicina e a Arte (<i>Lisboa, Faculdade de Medicina, 1947</i>)	190
Três psiquiatras portugueses (<i>Lisboa, Hospital Miguel Bombarda, 1948</i>)	205
O Brasil e a língua portuguesa (<i>Lisboa, Ordem dos Advogados, 1945</i>)	213
El espíritu de la Reforma religiosa en la obra de Gil Vicente (<i>Madrid, Real Academia Española, 1935</i>)	235
Saudação a Augusto de Castro (<i>Lisboa, Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1957</i>)	259
Discurso do Jubileu (<i>Lisboa, Academia das Ciências, 1950</i>)	263
«A Ceia dos Cardeais» (<i>Lisboa, Antigo Teatro D. Amélia, 1952</i>)	268
A casa onde nasci (<i>Lagos, 1952</i>)	273
Non sum dignus (<i>Coimbra, Universidade, 1955</i>)	
I — Alocução ritual na Sala dos Capelos	276
II — Discurso no Paço das Escolas	278
Notas	284